3.º Anno — Quinta-feira, 19 de Julho de 1894 — Numero 102

Folha d'Ovar

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha ..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E EDITOR
M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.—Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 18 de julho

—

A philosophia do direito e a lucta entre as classes sociaes

Em duas grandes classes se divide geralmente a sociedade em todos os tempos: uma domina, influe, avulta, e gosa; a outra trabalha, humilde, submissa, obscura; mas em toda a parte as suas relações se alteram e tendem a unifical-as, o que é a feição caracteristica da nossa época, porque em nenhuma anterior se havia chegado a um ponto em que como agora se desenha já um começo de fusão ou de unidade.

Nos jornaes, nos livros, nos clubs, nos salões, nas officinas, até nos parlamentos, em todos os angulos da terra, se affirma o novo direito, se condemna a exploração do homem pelo homem, se accusam os defeitos da ordem economica, que nenhuma lei regula, e se lastima a violenta e angustiosa situação dos proletarios; em toda a parte as miserias se insurgem contra os monopolios e reclamam uma outra distribuição dos meios de adquirir, o que é differente da igualdade de bens sonhada pelos communistas.

*

O mundo agita-se: a crise social começa, para a qual teem contribuido todas as luctas, todas as emancipações, todas as reformas, todos os progressos.

Assim acha-se hoje o proletario em face da burguezia rica e preponderante, como esta se achava outr'ora em face da nobreza privilegiada e senhora da terra.

A burguezia nasceu do peculio dos servos: cresceu entre estes e os nobres: reagiu contra a feudalidade, combateu e destruiu os privilegios que atacavam o direito e a liberdade de adquirir; então alliava-se com os reis contra os barões seus rivaes; afinal 93 deu-lhe a preponderancia: alcançou os direitos civis e politicos e a mais ampla liberdade de acção: depois foi-se desenvolvendo sempre, e absorvendo a nobreza.

*

Mas 93 deixou o direito na sua base individualista: com tal base não ha verdadeira associação, apenas individuos agglomerados, sem obrigações communs, nem harmonia de interesses.

Ora o direito é uma relação, que liga o individuo e a sociedade: considerar os direitos sómente no individuo, é falsear o seu principio, porque é supprimir um dos termos d'aquella relação: assim as obrigações communs estão fóra da esphera racional do direito, e é força estabelecel-as como condições meramente praticas e negativas, porque limitam a individualidade.

*

Se o direito é uma relação necessaria entre as pretenções e as obrigações, é esta relação a que havemos de buscar uma base philosophica e não só ás pretenções ou direitos individuaes; porque separando-as para estabelecer as primeiras racionalmente, de modo que as segundas não se legitimam em theoria, mas só como condições praticas, tomam estas um caracter negativo, ja não é a sua relação, mas só uma d'ellas, já não é pois o direito, que se considera, e commette-se um erro de methodo, que o desnatura, e nos leva áquella contradicção inevitavel.

O reconhecimento da liberdade de cada um dentro da sua esphera, e o dever de *não atacal-o,* não fundamenta a sociedade juridica: porque a ninguem impõe a obrigação de contribuir para o bem geral.

Ha de certo fins communs reconhecidos e bem protegidos, mas não os abona o direito puro, porque não se estende alem da personalidade: assim o estado que é expressão dos deveres sociaes obriga pela força, não obriga pelo direito. Consistindo este, segundo o principio que refutamos, na co-existencia da liberdade de cada um com a liberdade dos outros, e na obrigação de não impedir a acção individual dentro da sua esphera, a que se reduz a obrigação social? sómente a este dever negativo—não impedir.

Se a propriedade é um direito que em theoria nada limita; se o que é meu é meu absolutamente; se disponho do que possuo como quero; se tirar-me uma parte é offender a minha individualidade; como é que o imposto vem limitar-me esse direito? Como é que a herança é obrigada aos filhos, e se acha tolhida aos paes a faculdade de dispôr d'ella a seu arbitrio? De estar o direito assente em um principio falso se seguem essas e outras muitas contradicções.

*

Do seu canto da Allemanha, Kaut, antes da explosão de 93, proclamava os direitos do homem: a sua metaphysica subjectiva parece haver inspirado toda a philosophia liberal, e este individualismo exclusivo e anarchico da nossa época.

Vivemos ao lado uns dos outros, mais n'um constante antagonismo, que domina a terra e o capital, a industria e o commercio.

O direito racional na actualidade não abona os interesses communs: é injuridico por ora o regimen da sociedade.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

CONFRONTOS

V

Os Limonadas

«Nunca vimos quéda mais desastrosa, desgraçada, mais tristemente celebre do que a d'esse bando que se acobertou com as aspirações, a indole de Limonada, apanhado, em tempos, no Largo dos Campos a roubar umas poucas de libras a um lavrador.

Elles que levaram a cacete as eleições: que espancaram e feriram nas praças publicas: que levantaram as forcas: que assaltaram os quarenta maiores contribuintes: que arruaçaram no tribunal: que fizeram de dois delegados do procurador regio uns meros executores de vinganças pessoaes: que deram aos correligionarios dinheiro do municipio: que roubaram a Estrumada: que illudiram as condições da praça para arranjar grossa maquia na construcção dos palheiros dos pobres do Furadouro: que demittiam sem razão os empregados para collocar no logar d'elles outros que arruaçavam e espancaram: elles não podiam ter, não tinham em seu poder a opinião publica.

O concelho estava victimado, opprimido: emquanto um bando de selvagens campeava infrene com o appoio da auctoridade: vivia á sombra da impunidade garantida: se valia do dinheiro porque comprava a consciencia a alguns, e dos empregados municipaes com que se pagavam os serviços de quasi todos.

A orgia devia acabar um dia; e quando acabasse, esse bando ficaria reduzido, ouvir-se-iam as recriminações dos desgraçados impellidos para o crime pela ambição tresloucada, infame, dos cabeças odientos.»

(Continúa.)

(Do *Povo d'Ovar* n.º 97.)

A theoria e fabrico dos vinhos

VII

Como escrevemos para os agricultores estranhos ás sciencias naturaes, julgamos necessarios alguns esclarecimentos sobre o já exposto nos artigos anteriores.

Temos fallado em transformações, na do assucar em alcool, do tanino em assucar, etc. Como é isso possivel? Como é possivel que o assucar se transforme em alcool, dois corpos tão differentes no aspecto, no sabor, e nas outras suas propriedades?

O alcool, o assucar, a fecula das batatas, o amido, ou fecula dos cereaes, os aldehydes, a glycerina, que é uma substancia gorda, o tanino ou acido tanico, o acido tartarico, o racemico, etc., são os mesmos nos seus elementos constituitivos.

Todas essas substancias são compostas de carbono e hydrogenio: por isso concebe-se que possam transformar-se umas nas outras: o assombro está em que a natureza forme corpos tão diversos com os mesmos elementos.

Em que consiste pois a sua differença?

Nas dóses e na constituição atomica e molecular, isto é, nos arranjos intimos dos seus componentes reduzidos a partes tão pequenas, que escapam á vista, e a que se chama átomos.

A molecula não é o mesmo que o atomo, é uma reunião de atomos: n'um corpo composto, na agua, por exemplo, é a ultima porção em que esta póde dividir-se, mas sem se alterar sem perder algum dos seus componentes, sem deixar de ser agua: qualquer das suas molecuras contem dois atomos de hydrogenio e um de oxigenio, sem os quas não a obtemos.

Os corpos não se combinam em dóses arbitrarias, mas fixas, invariaveis: as combinações estão sujeitas ás leis dos equivalentes e á das proporções definidas e multiplas entre as quantidades ponderaveis, que n'ellas entram.

Os equivalentes são essas dóses constantes e necessarias para que se dê a combinação de varias substancias dentro da mesma ordem de productos: por exemplo, o 1.º grau de oxigenação exige 8 grammas de oxigenio e 1 de hydrogenio, as mesmas de oxigenio e 6 de carbono, as mesmas de oxigenio e 100 de mercurio, etc.; os n.os 8, 1, 6, 100 exprimem os equivalentes.

VIII

A glucose ou o assucar da uva compõe-se de 12 equivalentes de carbono, 14 de hydrogenio, e 14 de oxigenio. A sua formula escrev-se do seguinte modo:

$C^{12} H^{14} O^{14}$

C, H, O, representam as iniciaes d'aquellas substancias e os algarismos por cima d'ellas indicam o n.º dos seus equivalentes.

A do alcool é—$C^4 H^6 O^2$.
A do aldehjde—$C^4 H^4 O^2$.
A do acido acetico—$C^4 H^4 O^4$.

GAZETILHA

—

DOUTOR CANTATA

SONETO

Caracter ventoinha, catavento,
Politico dos taes de furta-côr,
Sem fé, sem consciencia, sem pudor,
Barcaça a navegar com todo o vento!

De falsos palavrões declamador,
E' n'elle tudo burla, tudo invento!
Mentira, hypocrisia, fingimento,
Papel de charlatão e de impostor!

E' regenerador, se lhe faz conta,
Reformista, granjola e democrata,
Troca-tintas, emfim, que a tanto monta!

N'estas tristes verdades se retrata
O typo do famoso mosca-tonta,
E o grande massador Doutor Cantata!

Do livro—*A Tocha.*

Annibal Metralha.

A do acido tartarico—$C^8 H^4 O^{12}$.

A do acido tanico ou tanino—$C^{18} H^5 O^9$ 3 H O.

A do acido racemico—$C^8 H^6 O^{14}$.

A da glycerina—$C^6 H^8 O^6$.

A do ether ordinario—$C^4 H^5 O$.

As da manito e levulose—duas especies de assucar—$C^{12} H^{14} O^{13}$.—$C^{12} H^{12} O^{12}$.

A do alcool propylico—$C^6 H^8 O^2$.

A alcool butylico—$C^8 H^{10} O^2$.

A do alcool amylico—$C^{10} H^{12} O^2$.

A do alcool oenantylico—$C^8 H^6 O^2$.

A do alcool hexylico—$C^2 H^4 O^2$.

A da oenolina ou materia córante—$C^{20} H^{20} O^0$.

Comparando estas formulas, vê-se que o assucar sob a acção do fermento cede uma parte do oxigenio, do carbono e do hydrogenio, e transforma-se em alcool, dando origem tambem a outros productos, acido carbonico, glycerina e acido succinico: que o alcool se converte em aldehyde, perdendo dois equivalentes de hydrogenio, um acido acetico, fixando mais dois de oxigenio.

Sendo essas diversas substancias susceptiveis de transformar-se umas nas outras, é claro que tudo quanto obste ás transformações prejudiciaes ao vinho, ou concorra para determinar as favoraveis, deve merecer a attenção do vinicola e que a este incumbe sabel-as para dirigir as operações da sua industria—das quaes nos occuparemos.

IX

Dadas estas explicações, vejamos se não ha ainda actos subsequentes á fermentação do mosto, dos quaes uns tambem depuram o vinho, outros o etherisam, e outros o envelhecem.

1.º O tartaro não desapparece só porque se deposita, mas porque se transforma em acido tartarico, em alcool, em acido tartico e em acido propianico, e isto em tres especies de fermentação.

2.º O exigenio eliminado n'estas fermentações oxida o alcool e transforma-o em aldehyde, e em acido acetico do modo que já dissemos.

3.º O desapparecimento do tartaro em grande quantidade succede á formação do acido acetico.

4.º Tambem o tanino em assucar se transforma: em quanto no mosto existe fermento, liga-se este ao assucar com preferencia, mas depois actua sobre o tanino.

5.º O assucar e os acidos vão desapparecendo lentamente: os vinhos doces, afinal, perdem o assucar, e em troca, e á custa d'este corpo, ganham os ethers, que não tinham.

6.º E' o assucar que fornece os acidos, e estes, ligando-se com os alcools, produzem os ethers: e é por isso que os vinhos por tempo vão diminuindo de assucar e de alcool e se diz que envelhecem.

7.º E' do assucar que sai o ether oenantico, mas libertando uma porção de oxigenio, o que é o contrario do que acontece na formação dos outros ethers, circumstancia importante, em virtude da qual os vinhos saccarios não precisam para se aromatisarem do oxigenio da athmosphera: estes, mesmo fechados, se etherisam, porque as transformações do assucar dão ethers, e como um d'elles, o œnantico, não absorve o oxigenio, antes o põe em liberdade, fornece-o aos outros que o exigem.

8.º Mas nem todos os acidos derivados immediatamente do assucar se casam com o alcool e se etherisam; o tartarico e o acetico fazem o mesmo.

9.º Os ethers principaes do vinho são: o enantico, o lactico, o butyrico, o valerianico, o succinico e o acetico: o assucar desdobra-se nos acidos do mesmo nome, em acido carbonico, em hydrogenio, e em oxigenio.

Ao produzir o 1.º, em acido oenantico $C^8 H^8 O^4$, alcool, acido carbonico e oxigenio.

O 2.º, só em acido lactico da formula $C^6 H^6 O^6$.

O 3.º, em acido butyrico, $C^8 H^8 O^4$, carbonico, e hydrogenio.

O 4.º, primeiro em alcool amylico, este absorve o oxigenio e converte-se no acido valerianico.

O 5.º, primeiro em acido butyrico que do mesmo modo que o antecedente, absorvendo oxigenio, passa a acido succinico.

O 6.º, primeiro em alcool, depois em aldehyde, e absorvendo oxigenio, a acido acetico $C^4 H^4 O^4$.

Assim pois o assucar fornece os acidos, que unidos aos alcools formam os ethers.

X

De que resultam as qualidades e variedades do vinho?

1.º O aroma vem dos ethers, das essencias e dos aldehydes.

2.º O espirito, das qualidades do alcool, e estas, da relação em que no mosto estiveram os fermentos para com o assucar.

3.º A rascancia, dos acidos acetico, tartarico, malico e sobre tudo do sal bi-tartarato de potassa.

4.º A doçura, do assucar que o fermento não bastou para reduzir.

5.º A onetuosidade das materias gordas; e principalmente da glycerina.

6.º A adstringencia, do tanino.

7.º A côr, da oenolina, ou tinta azul, que sob a influencia dos acidos, como já dissemos, passa pelas gradações do rôxo ao vermelho.

8.º A côr amarellada dos vinhos chamados brancos vem, ou de uma materia córante particular, ou do tanino que se oxida.

9.º A espumosidade do acido carbonico livre.

10.º A tendencia a refermentar, d'um excesso de materias proteicas ou azotadas.

11.º A força salina, dos saes organicos e vegetaes, de que já fallamos.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

CURIOSIDADES JUDICIAES

—

Confrontos

III

Na querella que o Ministerio Publico n'esta comarca move contra Joaquim de Pinho, cazado, *regedor da freguezia de Vallega* foram mandadas passar ordens de captura contra o indiciado, porque o crime, pelo qual está sendo demandado criminalmente, diz esse despacho, não foi commettido por virtude das suas funcções e não foi pronunciado n'essa qualidade.

mas

Na querella que o Ministerio Publico n'esta comarca move contra Antonio Augusto Freire de Liz, e outros, foi aquelle pronunciado por haver, na qualidade de delegado do administrador d'este concelho na assembleia eleitoral primaria de Vallega, *maliciosamente* deixado de impedir os tumultos e violencias *(sic)* commettidas n'aquella assembleia no dia da eleição. Contra este réo foram tambem mandadas passar *ordens de captura!*

Não estaria este indiciado sendo criminalmente demandado por virtude das suas funcções?!

—

Pergunta-se: para que serve o art. 295.º do codigo administrativo?

NOTICIARIO

Nossa Senhora do Parto

—

Temos á porta a grande festa a Nossa Senhora do Parto que, ha annos, não se faz.

No domingo proximo Ovar em peso apinhará o Largo dos Campos, ao fim do qual se levanta a capellita da Senhora que vae ser festejada, e festejada com grande pompa, segundo temos ouvido.

A commissão parece que tem envidado todos os esforços para apresentar coisa excellente, coisa que se veja ao longe, coisa, finalmente, que tôe. Isso agrada-nos; e se assim fôr, não nos furtaremos aos seus justos e merecidos elogios.

Prepara-se para o arraial de sabbado uma illuminação soberba, deslumbrante; serão levantados no Largo dois coretos aonde tocarão duas phylarmonicas, a «Boa-União» d'esta villa, e a de Pardilhó; e haverá tambem uma cascata de bello effeito.

No dia seguinte, depois da missa e procissão, temos arraial que demorará até ás 8 horas da noite.

Veremos para contar; e só desejamos que a festa annunciada não desmereça em nada d'aquellas que em annos passados se realisaram

Festividade em Vallega

—

Muito apparatosa e bastante concorrida a festividade de domingo, em Vallega, ao SS. Sacramento.

Celebrou-se de manhã uma missa imponente acompanhada pela orchestra do sr. Valerio, e de tarde a procissão bem organisada como costumam ser todas que se realisam n'aquella religiosa e importante freguezia.

E depois, uma tarde quente, convidativa, para o povinho da villa que não faltou nem podia faltar áquelle acto solemne, sem se esquecer—isso sobre tudo—de provar a pinguita do verde!

Foi pena sómente que uma viração forte do norte incommodasse a gente devota a ponto de se fazer mais cedo a suas casas; porém, escondido de todo o sol no occaso, não tardou que a lua espalhasse pela terra os seus fios de prata, e então, em descantes, em cavaqueira animada, lá vinham os romeiros estrada fóra, fatigados e contentes, e não já incommodados com a viração da tarde muito rija que terminou á noite!

E assim, até 5 de agosto, acabaram-se as festas explendidas de Vallega.

Apprehensão

—

No domingo passado foi apprehendida a Joaquim Valente de Almeida, da Ponte Nova, d'esta villa, uma pipa de vinho, que elle estava trasfegando para barris, afim de, segundo dizem, o subtrahir aos impostos.

A apprehensão foi feita em casa do sogro do delinquente, no logar do Sobral, onde o vinho tinha sido occultado pelos empregados do real d'agua e pelo arrematante dos impostos municipaes.

A participação e auto levantado pelo escrivão de fazenda foi entregue ao administrador do concelho.

O advogado do Joaquim Valente contra a fazenda e arrematante dos reaes camararios, é o proprio vice-presidente da camara.

Folhetim da FOLHA D'OVAR

O CALDEIREIRO

—

Elle ahi vem...
Diabo!
E' enguiço... ha chuva!

O caldeireiro passa, chincalhando o bronze dos taxos e certãs, amarrado docilmente a uma carreta de mão por uma correia que lhe pende do pescoço.

Traz um arsenal...

São panellas, taxos, certãs, grêlhas, todo um mistiforio de ferro estanhado.

Vae impertubravel na sua personalidade original, com uma philosophia estoica, digna de um discipulo de Zenão, vergando ao peso das maldições das almas crentes e ás chufas do rapazio: caldeireiro... tlin, tlin...

E percorre a cidade toda...

Pára ás esquinas, olha ao ar, fareja a clientella, toma uma pitada: tlin, tlin...

O caldeireiro é o caracter typico, emblematico, dos tempos medievicos.

Entre elle e a sua sociedade medeia uma bacia de agua.

Porque elle fórma uma sociedada á parte.

Sempre negro, emfarruscado, avental de riscadinho grosseiro, cheio de nodoas ferruginosas e gordurentas, habitando quasi que um bairro só seu, aonde fuzila constantemente o ruido entontecedor das martelladas nos caldeirões enormes, amarellos, marchetados de pregos cobreados, concentra-se e vive do trabalho do seu corpo, labutando rudemente como um animal domestico.

E a sociedade...

Ora a sociedade... a sociedade...

Só precisa d'elle para o seu commerciosinho.

Vegeta na luz fosca e diffusa da officina, no meio do grasinar dos filhos, dos ralhos da mulher, das pragas dos aprendizes.

E vive...

Ha n'aquelles costumes um tanto de selvagem, um tanto de emancipação.

No seu *quartier*, onde o fumo das fabricas se enovela no ar em turbilhões, e o rammerrão rithmado das machinas se faz sentir cá fóra, amortecido nas pancadas dos cobres, tem poucas relações com a visinhança.

—Muito bons dias...

—Muito boas noites...

E transmitte o seu lemma de geração em geração, sempre respeitado, sempre acatado por toda a roda da sua descendencia.

Tem uma bandeira... a bandeira dos que ganham pelo suor do seu rosto.

—Com trabalho tudo se vence... ao fundo a gloria!

A gloria!

Mas que gloria... a gloria que nos cinge uma corôa de espinhos, nos mette na mão uma canna verde, nos reveste de folhas de parra.

E é marchar para a frente, apupados pelas multidões, assobiados estridulosamente, escorraçados como hydrophobos.

Fóra sarrasfusca...

Olha o preto, hatchis...

Queria entrar na nossa roda, pois não... E elle vae estando sempre separado do mundo, do mundo que folga, que ri e que algumas vezes chóra tambem... E o abysmo é uma simples bacia d'agua...

Se elle se lavasse!...

Deixava de ser o caldeireiro, o rôto, o maltrapilho, o que traz comsigo o mappa infinito da Miseria; arrojava de si, para sempre, o caracteristico da sua grei, a nota pessoal da sua individualidade.

Os antepassados tinham sobeja razão para o amaldiçoar d'alem campa, no silencio dos vermes, na gelidez granitica dos tumulos.

Mas será sempre assim, o mesmo feitio, o mesmo todo, a mesma porcaria.

Não comerá como Ezequiel o esterco dos bois, porque, emfim, o seculo vae muito adiantado na sua marcha progressiva... mas hade enlambusar-se porcamente em tigellas ressumando o negro das dedadas, com uma codea grossa, uma camada de materias apodrecidas, no meio da cosinha de paredes defumadas onde se entrevê a sua côr amarella primitiva, a oca.

Abre de tempos a tempos um parenthesis na sua vida monacal.

Sáe...

E n'esse dia, como para justificar a sua fama, o seu pacto maravilhoso com o diabo, as nuvens começam a correr por sobre um azul diaphano e resplandente ainda ha pouco, sopra do sul um poucochinho de vento por os galhos das arvores, as gallinhas coçám se nos poleiros, revirando a cabeça, o sol esconde-se no rebordo de uma nuvem mais pesada.

Elle satisfaz-se...

Por ora tem o poderio.

A lenda não morre, ainda está de pé.

Ri-se lá por dentro, o maroto...

Vê surgir ás janellas, debruçar-se nos peitoris, mirar o ceu, com uma inquietação crescente e um desanimo desgostoso nos rostos das mulheres...

Tlin, Tlin...

E' elle, o maldito caldeireiro, temos chuva com certeza.

Apanha-se a roupa das cordas, dos muros caiados dos quintaes, dos alpendres, das aguas-furtadas.

E os vasos das flôres?

Vão encharcar-se com a agua. E' preciso recolhel-os.

E tudo por causa do caldeireiro...

As almas boas, ingenuas e simples, formam assim em roda d'elle, da sua individualidade original, uma cinta de celebridade, feita de feiticeria e de respeito.

E tu, um pobre diabo inoffensivo, hasde de ter um capitulo consagrado nos annaes, da porcaria um *requiescat in pace* saudoso na bocca d'um irmão.

E baixarás ao tumulo, não com lyrios e rosas desfolhadas... mas com os goivos creados na lua desventura, no trilho escabroso do teu viver tradiccional.

Não terás uma orchestra de pratos, bombo o ferrinhos... mas dormirás o somno eterno ao som das martelladas funebres dos teus companheiros.

Podias ser uma personalidade vulgar, confundida, baralhada pelo mundo... não quizeste.

Não te era preciso um esforço sobrehumano...

Uma bacia de agua, apenas...

José Sarmento

Notas rapidas

Chegaram segunda-feira a esta villa o nosso amigo sr. Manoel José de Pinho, sua ex.ma esposa e duas cunhadas, aonde se demorarão alguns mezes, fixando a sua residencia no Largo de S. Miguel.

D'aqui enviamos-lhe os nossos respeitosos cumprimentos.

—Felicitamos mais uma vez o intelligente estudante Angelo Amaral, pela approvação no exame de inglez.

—Passaram o domingo n'esta villa o nosso amigo sr. Julio Brandão e sua ex.ma familia.

—A'cerca da noticia que demos na semana passada sobre o preço da carne, enganamo-nos. O seu verdadeiro preço é 260 a 320 réis o kilo.

—Sepultou-se segunda-feira com a linda edade de 87 annos, Joaquim da Pomba, da rua da Fonte.

Paz á sua alma.

—Arthur Valerio, nosso intimo amigo, passa sabbado, 21, o seu 22.º anniversario natalicio.

Para felicital-o, um abraço sincero basta.

—Baixou cinco réis em litro o preço do vinho.

Parabens aos grandes beberrões!

—Chegaram ante-hontem do Pará, os srs. commendador Manoel Pereira Dias, da Matta, e Manoel José d'Oliveira Soares, das Figueiras.

Cumprimentamol-os.

—Tem sido diminuta a pesca na nossa costa; apenas na terça-feira a companha do sr. Manoel José Ferreira Coelho, fez um lanço que excedeu a cem mil réis.

—A commissão de raparigas enthusiastas que desejava festejar Nossa Senhora do Parto na noite de domingo proximo, na rua de Sant'Anna, não obteve licença da camara municipal e da administração do concelho, em vista da licença por tres dias que foi concedida á commissão dos festejos á mesma Senhora na sua capella do Largo dos Campos; isto é, sabbado, domingo e segunda.

Porém, as môças festeiras aguardam occasião opportuna para realisarem os seus festejos, e então, sendo determinado o dia, daremos uma noticia que todos receberão com agrado e prazer.

Até nós.

—Para que serve a praça de peixe?

Muitas mulheres fazem as suas vendas em qualquer esquina da villa.

Se a praça destinada pela exc.ma camara de nada vale, venha ordem em contrario

Officina de serralheria

O nosso amigo sr. Antonio Maria Ferreira Coelho, mudou a sua officina da rua das Figueiras para o Largo de S. Miguel esta semana, aonde espera ser procurado pelos seus freguezes.

O sr. Antonio Maria Coelho é um official antigo e sabedor, de um bello caracter e seriedade; por isso o publico não lhe negará o seu auxilio.

Echos do Tribunal

Sua exc.ª no Calvario

Tarde mas a tempo.

Em principios do mez corrente e no gabinete do tribunal, vendo o bacharel Francisco Branco de Pinho o sr. Antonio Augusto Freire de Liz, a quem vê com maus olhos —pudéra!—proferiu contra este e sua mãe, palavras immoraes que a decencia e o respeito prohibe-nos de as traçar em publico, e palavras que foram ouvidas pelo sr. escrivão, João Coelho, Delegado e Joaquim Soares Pinto.

O sr. Freire de Liz participou o facto a sua ex.ª o sr. juiz. Este, mandou proceder a auto de corpo de delicto.

Depôz Joaquim Soares Pinto, que disse, pouco mais ou menos: «que não se lembrava se no dia indicado esteve no tribunal; e demais não tinha por costume divulgar conversações intimas!»

Quem diria que Quinzinho era tão reservado e tão amigo do seu amigo, muito principalmente do Francisco Branco de Pinho?!

Não que os dois são carne e osso
Foram sempre amigos velhos.

E' possivel que a coisa dê de si. Nós pedimos justiça, só justiça.

E até lá, esperemos.

Hotel do Furadouro

Abre segunda feira, 23, este acreditado estabelecimento e unico na Costa do Furadouro, propriedade do nosso amigo Silva Cerveira.

Sabemos que aquella casa tem soffrido reparos consideraveis e está montada com luxo e asseio, o que leva a crêr que Silva Cerveira fará a sua quadra, como deseja e merece, um S. Miguel de trens.

Nós desejamos-lhe que aufira dos seus trabalhos o lucro que merece.

Voltaremos a fallar do hotel.

Audiencias geraes

Realisa-se no dia 24 do corrente a primeira audiencia geral.

Serão julgados 19 réus implicados n'um conflicto que se deu na freguezia de S. Vicente de Pereira.

São defensores dr. José de Almeida, dr. Chaves, Soares Pinto e Fragateiro.

Enfermos

Esteve bastante incommodado o reverendo Francisco Marques, nosso distincto amigo, e muito digno professor regio n'esta comarca.

Felizmente, o que devéras estimamos, aquelle cavalheiro acha-se já quasi restabelecido.

—Tambem tem passado levemente incommodado o nosso presado amigo e esclarecido redactor politico do nosso semanario, o sr. dr. Almeida e Medeiros.

Prompto restabelecimento.

Publicações

A Aguia de Sagres—E' um pequeno livro de versos, original do nosso presado amigo e collaborador litterario, Jayme T. Cirne de Magalhães, que elle nos offereceu e que muito agradecemos.

Aquelle livrinho viu a luz da publicidade por occasião dos festejos henriquinos, e é uma homenagem ao grande navegador Infante D. Henrique.

Conhecemos de ha muito as producções litterarias do seu auctor, um joven ainda, de um espirito lucido, muito trabalhador e muito modesto. E' um poeta moderno de subido valor; e isto dito, feita está a critica á sua *A Aguia de Sagres*.

Uma amostra:

"Salvè! Salvè! figura heroica do passado,
Que—no solo da patria, altivo e rutilante,
Expandiste, bem longe, o vôo equilibrado,
E deixaste, bem fundo, o rasto de gigante.

"Salvè! alma de fogo, ó alma desfraldada
Pelo infinito céu dos ideaes profundos,
Que no meio do horror da noite inconstellada,
Divisaste a campina equorea de mundos.„

Os Filhos da Millionaria—Recebemos dos snrs. editores Belem & C.ª de Lisboa, as cadernetas n.os 19 e 20, do terceiro volume d'esta apreciada obra.

Agradecemos.

Desculpa

Ao nosso collaborador A. de Vasconcellos, pedimos desculpa por não ser hoje publicado o artigo que nos mandou.

Irá no proximo numero.

Aos municipes

O arrematante dos reaes municipaes foi avisado para pagar até ao dia 16 d'este mez, as prestações vencidas até ao fim de junho, afim de fazer face á receita municipal e pagar ao empreiteiro das obras dos Paços do Concelho, uma prestação, segundo dizem, de 3 contos.

Ora, se quando a obra está a receber a primeira madeira, é necessario recorrer aos devedores da camara com toda a urgencia, para satisfazer um pagamento—quando diziam que a camara tinha receita sufficiente para as obras—que fará quando estiver a casa na altura de receber a telha.

Onde irá então a camara arranjar dinheiro?

A' matta municipal? ou recorrerá aos emprestimos?

Correio e telegrapho

Mudou-se para a rua das Figueiras esta repartição.

Para Lisboa

Partiu na segunda-feira para Lisboa o sr. major Alfredo de Campos, ex-administrador d'este concelho.

Tempo

Tem estado um tempo bom, apesar do vento predominante—norte.

??

Consta-nos que no orçamento enviado pela camara ao sr. major Campos, durante o tempo que esteve servindo de administrador, figura uma verba de *300$000* réis, subsidio á egreja de Esmoriz,

Será verdade? ficamos de atalaia sobre este ponto até que nos esclareçam.

Noticias de Vallega

Do nosso presado correspondente e amigo, em data de 17:

«N'esta freguezia reina uma verdadeira paz pôdre: não ha noticias; apenas tenho sentido nos arraiaes do *progresso* (!) um desanimo completo. Os *cabeças* que ainda ha pouco deitavam foguetes de contentamento, andam cabisbaixos, e alguns d'elles tremem... não sei porque. Elles sabel-o hão muito breve.

—No dia 14 do corrente festejou-se em Souto, á noite, a milagrosa Sant'Anna.

Uma noite de luar formosa, agradavel! Por isso fui até áquelle logar, attrahido pela boa fama que de ha muito gosa a philarmonica do sr. Joaquim Pereira das Neves.

Foi deveras elogiada e merecidamente. Não houve desordens; muitos idylios aldeãos; o vinho e as roscas tiveram consumo, etc.

Alli cumprimentamos o nosso amigo, sr. M. d'Oliveira Salvador, um rapaz sympathico e sincero.

—Quanto á festividade de domingo n'esta freguezia, foi como as do costume.

Se para a semana poder ser mais longo, fal-o-hei. A questão é de noticias frescas e aproveitaveis.

M.»

SECÇÃO CHARADISTICA

Este homem é nome de mulher—1, 2
—A ave é animal? Não, é mentira—2, 2
—Governo o Bosque com um vestido asiatico—1,2
—Em favor do magistrado, governo—1,2
—Assassina o animal, vadio—2, 1
—Governo n'este momento, porque todos temos esta cerimonia—1, 1, 1
—O artigo é um orificio difficil de resolver—1, 2
—E' circular no campo este vegetal—2,2

Tobias.

CHRONICA

DE VOLTA

Ecce homo!

A traducção real d'este conhecido latinorio é:—eis aqui o filho de Deus, filho d'esta terra, primo dos demonicos, e irmão do diabo!

Com Deus todos estamos e estamos bem; com o diabo poucos estão: com o diabo no corpo e na alma estou eu Tanto assim, que nos damos o tratamento de *manos*.

Que o Rei dos infernos não é feio e horrendo como dizem as lendas; e a verdade é que, sendo eu irmão d'aquelle senhor de outros mundos, sou um rapaz bonito, galante e sympathico!

Ai, sou, sou; e a prova foi bem revelada quando estive fóra d'esta patria vareira na semana que Deus haja.

Que de lagrimas... sinceras, compungentes, pela minha falta! Que de soluços, que de gritos abafados, chiliques, e eu, de muito longe, a ouvil-os, a sentil-os tambem...

Mas como receiasse ser assassino involuntario das pessôas amigas, encurtei a digressão, e vim até cá enchugar lagrimas, calar prantos, gritos e soluços.

E tudo isto por ser, embora mano do diabo, bonito, galante e sympathico...

E sou. O contrario seria negar a malignidade das mulheres, o orgulho dos ricaços e o despreso dos politicos; o contrario seria negar a existencia do proprio Deus e o meu parentesco muito proximo com o diabo.

E ria-se quem quizer d'esta franqueza, que isso em nada me molestará, tanto mais que eu não pertenço á filla d'esses melancholicos que ao minimo embate da vida levam o desespero ao seu auge, e depois vão-se definhando.

Eu arrosto com tudo, sempre de aspecto sereno e risonho; só sim me deixo vencer com as lagrimas, soluços, gritos abafados, chiliques, das pessôas amigas, quando o destino me chama a pôr pé fóra do solo vareiro, em digressão longa.

E a não ser isto, sou forte, sou insensivel, sou irmão do diabo e tanto basta.

Estou de volta d'essas terras aonde encontrei braços amigos a estreitar-me; aonde vi coisas nunca vistas; aonde consumi alguns dias cheio de contentamento, aonde esturdiei bastante, e aonde...

Não digo o resto.

Agora, porém, consomem-me saudades immorredouras, mas nem por isso choro, nem soluço, nem grito...

Não que quem chora seu mal espanta, e não me apraz que outros se riam das minhas lagrimas, ainda que pouco sinceras, e em nada compungentes.

O chorar é proprio das mulheres; é verdade que muitos homens choram tambem, mas com os olhos da alma, mas esses não teem nem desejam ter parentesco com o demonio.

Mas eu que sou o diabo em carne, osso e alma, não posso, não devo, nem quero chorar.

E agora,—por Deus! por Deus! —não chore quem me ler, não! Para que?

Deus castiga. Choremos todos domingo proximo, de joelhos, olhos reverentes, em frente á Nossa Senhora do Parto que vae vestir n'esse dia o seu manto d'oiro e pôr a sua corôa estrellada.

Oh! sim, vamos lá, vamos todos, ide vós, principalmente, mulheres, pedir á Senhora boa hora para quando... morrerdes!

Eu não olvidarei o meu dever de christão: não heide faltar á pomposa solemnidade de domingo, de casaca, de luva côr de cinza, se o calor fôr temperado, e talvez de monoculo para divisar bem se nos olhos das pessôas que tanto me querem, ainda existem vestigios vagos das lagrimas a que a minha ausencia deu causa.

E até lá preparemos as nossas vestes melhores, o melhor laço, os mais finos e abicados botins; e peçamos a Deus um dia bom, de sol moderado.

Ecce homo! eis aqui o filho de Deus, filho d'esta terra, primo dos demonicos e irmão dos diabos, que envia o seu «adeus» até quinta, sem falta, dê por onde der, succeda o que succeder, diga-se o que se disser.

Jayme.

ANNUNCIOS

EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de noventa dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados Manoel de Pinho Gilvaz, solteiro, residente na Republica do Perú (America); Manoel Ferreira Regalado e João Rodrigues Leite, casados, residentes na Republica do Brazil, todos, em parte incerta, para assistirem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de sua mãe e sogra Maria Dias Soares, viuva, moradora, que foi, no logar de Guilhovae, freguezia d'Ovar.

Ovar, 11 de julho de 1894.

Verifiquei

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysio Ferraz de Abreu. (13)

EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 60 dias, a contar da 2.ª publicação d'este no *Diario do Governo*, citando Francisco Luiz de Souza, casado, auzente nos Estados-Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario a que se procede por morte de seu sogro Francisco Gomes Estriga, que foi dos Campos, d'Ovar.

Ovar, 13 de julho de 1894.

Verifiquei

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(11)

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 60 dias a contar da segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, citando Manoel Gomes Estriga, solteiro, ausente em parte incerta na cidade de Santos, Estados-Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario a que se procede por morte de seu pae Francisco Gomes Estriga, que foi da villa d'Ovar.

Ovar, 7 de julho de 1894.

Verifiquei.

O juiz de direito,
Salgado e Carneiro.

O escrivão,
João Ferreira Coelho.

(8)

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação d'este no *Diario do Governo*, citando Manoel José d'Oliveira Possantes, casado, ausente em parte incerta na cidade de Lisboa, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por morte de sua sogra Thereza Dias Mendes, que foi da villa d'Ovar.

Ovar, 6 de julho de 1894.

Verifiquei.

O juiz de direito,
Salgado e Carneiro.

O escrivão,
João Ferreira Coelho.

(9)

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, penhoradissimos para com todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os pelo fallecimento de seu chorado esposo, pai, irmão, cunhado e sogro Francisco André de Oliveira, e na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vem por este meio agradecer e protestar o seu inolvidavel reconhecimento.

Ovar, 17 de julho de 1894.

Gracia Gomes de Jesus
Rosa Gomes Pereira
Anna Gomes de Oliveira
Maria Gomes de Oliveira
Emilia Gomes de Oliveira
Rosa de Jesus da Silva Faustina
Emilia de Jesus da Silva Faustina
Manoel André de Oliveira
Bernardo Maria André de Oliveira
Padre Antonio André de Oliveira
João da Silva Alminha
Manoel André de Oliveira Junior
Manoel Maria André de Oliveira.

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia cinco d'agosto proximo futuro, por meio dia e á porta do Tribunal Judicial, sito no edificio do hospital d'esta villa, se ha de proceder á arrematação d'uma terra lavradia, sita no logar do Cabo da Lavoura, freguezia de Vallega, denominada «a terra da Costinha», allodial, avaliada na quantia de réis 68$000, no inventario orphanologico a que se procede por obito de José d'Oliveira Valente, do mesmo logar e freguezia, com declaração de que as despezas da praça e a contribuição de registro são por conta do arrematante.

Ovar, 12 de julho de 1894.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysio Ferraz de Abreu.

(12)

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 22 do corrente mez, pelo meio dia e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, na execução de sentença que D. Maria Amelia de Mendonça, viuva, proprietaria do logar de Passô, da freguezia de Vallega, move contra Joaquina Marqueza Presas, solteira, negociante, residente na costa do Furadouro d'esta freguezia, ha-de proceder-se á arrematação da prestação do facto, o qual consiste em remover uma pedra de esquadria introduzida na parede da casa da exequente, sita n'aquella costa do Furadouro destinada a chumbadouro, em profundidade de 0,^{m}235 e a repôr a mesma parede no seu antigo estado, visto que a executada o não fez dentro do praso que lhe foi designado.

Ovar, 9 de julho de 1894.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
Salgado e Carneiro.

O escrivão,
João Ferreira Coelho.

(10)

ESTABELECIMENTO

Balneo-therapico de Luso

(PROXIMO Á MATTA DO BUSSACO)

Aguas alcalinas-bicarbonatadas sodicas

ABRIU NO 1 DE JUNHO

MARTYR S. SEBASTIÃO

Os abaixo assignados, tendo em seu poder algumas quantias, offerecidas ao Martyr S. Sebastião, que tem a sua capella no largo da Estação, deliberaram applical-as em melhoramentos indispensaveis na referida capella, como são o rebocamento externo, o telhado, forros e altar.

Aquelles donativos, porém, não chegam para a obra indicada, parte da qual já está justa e entregue ao mestre de obras, Manoel Francisco; e é por esse motivo que os abaixo assignados veem por este meio appellar para todas as pessoas devotas d'aquelle Santo, afim de concorrerem com o seu obulo, para que se possam realisar taes melhoramentos.

Todo e qualquer donativo póde ser entregue aos signatarios.

Ovar, 9 de julho de 1894.

Abel da Costa Lamy.
José Alves Ferreira Ribeiro.

EDITORES—BELEM & C.ª

Rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa

OS FILHOS DA MILLIONARIA

POR

ÈMILE RICHEBOURG

o melhor romance franeez da actualidade

A apparição d'esta obra, cuja traducção vamos editar, produziu verdadeira sensação no mundo litterario, e foi saudada com enthusiasmo por todos os que procuram na leitura as sensações fortes e violentas, que nem sempre lhes proporcionam os factos da vida real. E debaixo d'este ponto de vista o romance de que tratamos satisfaz de certo os mais exigentes, porque as suas peripecias, urdidas, com uma habilidade pouco commum, e com um cunho de muito notavel originalidade, manteem constantemente e em subido grau o interesse do leitor, o qual sente de momento a momento o ardente desejo, pode mesmo dizer se, a impaciencia de conhecer o seguimento do entrecho, que tanto o interessa, e que tão profundamente o impressiona.

Brinde a todos os assignantes

Vista geral do monumento da *Batalha*

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzido depois em chromo a 14 côres, cópia fiel d'este magestoso monumento historico, que é incontestavelmente um dos mais perfeitos que a Europa possue, e verdadeiramente admiravel debaixo do ponto de vista architectonico. A estampa tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é a mais completa e detalhada que até hoje tem apparecido.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

CONCURSO

DO

Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica

UMA MEMORIA A PREMIO

Os esforços do *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica* em bem servir a santa causa da lavoura nacional, teem sido amplamente compensados não só pela constante e valiosa collaboração dos seus amigos, que formam o numeroso e distincto corpo de redacção, mas tambem pelo enthusiastico acolhimento que lhe foi feito em todo o paiz, e o que é mais, nas ilhas e possessões ultramarinas.

Isto que é muito, que nos penhora e que nos orgulha, collocanos porém no sagrado dever de não nos contentarmos com os louros adquiridos, obrigando nos, reconhecidos, a trabalhar mais e mais em tornar o nosso jornal cada vez de maior interesse para os seus leitores que tão devotadamente o protegem.

Para este fim resolvemos iniciar uma série de concursos onde serão admittidas memorias inéditas sobre os assumptos que mais pódem utilisar á nossa agricultura. A' mais valiosa d'estas memorias será conferido um premio, por jury competentissimo na especialidade, premio que, se não representará uma recompensa valiosa do trabalho feito, será comtudo um galardão de honra, uma enobrecedora distincção, a mais valiosa e digna de todas as condecorações.

O *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica*, dando-lhe em seguida larga publicidade nas suas columnas, tornará conhecido de todos quantos no paiz e no estrangeiro se interessam de alma e coração pelos progressos do nosso maior e mais valioso ramo de industria, a rural, o glorioso nome do vencedor.

Como as questões viticolas são as que ao presente mais nos interessam, e como infelizmente não ha entre nós um estudo completo sobre as castas das videiras cultivadas no paiz, falta devéras sensivel, resolvemos que a primeira memoria posta a premio versará sobre tão valioso thema.

O jury que tem de avaliar os trabalhos apresentados a este primeiro concurso, é composto dos ex.^{mos} srs.:

Joaquim Pinheiro de Azevedo Leite, notabilissimo viticultor de larga erudição, e um dos primeiros, senão o primeiro introductor de videiras americanas em Portugal.

José Taveira de Carvalho, o sabio director dos trabalhos ampelographicos, tão notavel agricultor como escriptor distincto.

Visconde de Villarinho de S. Romão, o illustre auctor dos *Flagellos da Videira*, do *Portugal Agricola* e de muitos outros bons trabalhos de propaganda em defeza da lavoura nacional.

Não podiamos, pois, apresentar cavalheiros mais competentes e de mais segura garantia para uma justa e imparcial adjudicação do premio que consistirá na quantia de

CEM MIL RÉIS

O concurso para o qual chamamos a attenção de todos os nossos leitores, será regulado por o seguinte

Programma

1.º Por espaço de *quatro mezes* a começar em 1 de julho e terminar em 31 de outubro, está aberto um concurso publico, para uma memoria inédita, escripta em lingua portugueza, sobre o seguinte thema: *As castas de videira cultivadas em Portugal sob o ponto de vista na qualidade, producção, adaptação e resistencia ás diversas epiphytias.*

2.º As memorias teem de ser entregues na redacção do *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica*, até ao dia 31 de outubro de 1894, inclusivè, acompanhadas de um enveloppe fechado incluindo o nome do auctor e tendo externamente uma divisa igual á inserida no involucro da memoria.

§ unico. Só o enveloppe correspondente á divisa do trabalho premiado, é que será aberto afim de ser conhecido o nome do auctor. Os outros serão entregues intactos, juntamente com as respectivas memorias, em troca do recibo de recepção.

3.º O jornal publicará a memoria premiada, cuja propriedade lhe fica além d'isso, pertencendo para todos os effeitos.

4.º Ao auctor da memoria classificada em primeiro logar pelo jury será immediatamente adjudicado o premio.

DOR

Com este titulo acaba de ser publicado um interessante livro de sonetos do snr. PAULINO D'OLIVEIRA que se acha á venda em todas as livrarias, pelo preço de 400 réis.

Livraria editora—F. Chagas
69, Rua Aurea, 69
LISBOA

Imprensa Civilisação
Rua de Passos Manoel, 211 a 219
PORTO

N'esta officina, imprime-se *bilhetes de visita* a 160, 200, 240, 300, 360 e 400 réis.

BILHETES DE LUCTO
para agradecimento

Enviam-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

LOJA DO POVO
DE
SILVA CERVEIRA
PRAÇA, 63—OVAR

N'este bem conhecido estabelecimento, encontra-se á venda, entre outros generos:
Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Livros para registo
DE HOSPEDES

E **Relações dos mesmos** que os proprietarios dos hoteis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

Imprensa Civilisação

IMPRENSA CIVILISAÇÃO
Rua de Passos Manoel, 211 a 219